

AMIZADES GAUCHES

Edgar Cézar Nolasco

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Doutor em Literatura Comparada

ecnolasco@uol.com.br

Se no presente não há amigos, façamos então que os haja daqui em diante, amigos dessa “amizade soberana e senhora”. É a esses futuros amigos que apelo, respondam-me, essa é nossa responsabilidade. A amizade não é nunca uma coisa dada no presente, ela faz parte da experiência da espera, da promessa ou do compromisso. Seu discurso é o da oração, ele inaugura, não constata nada, não se contenta com o que é, se coloca no lugar onde uma responsabilidade se abre ao futuro.

(Jacques Derrida)

É sabido que tanto Carlos Drummond de Andrade quanto Clarice Lispector foram dois grandes missivistas. Aquele até mais do que esta. A correspondência, por exemplo, entre o poeta e Mário de Andrade chega a ser um absurdo, em tamanho e em importância, e já foi devidamente estudada por Silviano Santiago. Basta ver o texto “Suas cartas, nossas cartas”, em *Ora(direis) puxar conversa!*, feito, aliás, como Prefácio para o livro *Carlos & Mário*, que reúne a correspondência trocada entre os dois amigos. Já com relação à escritora Clarice Lispector, é significativa a correspondência mantida com o amigo Fernando Sabino por mais de vinte anos, conforme ele mesmo diz na abertura do livro *Cartas perto do coração*: “Mas a amizade continuou, através das cartas ‘perto do coração’, de 1946 a 1969, com uma frequência só interrompida quando nos encontrávamos ambos no Rio.” (SABINO, 2001, p. 8). Também é ilustrativo da importância da correspondência na vida e na obra da escritora suas missivas enviadas às *Minhas queridas* irmãs. Este, aliás, é o título do livro que reúne 120 cartas inéditas da escritora às suas duas irmãs de várias partes do mundo. A importância desse material pode ser sintetizada nas palavras de Te-

resa Montero na Introdução do livro: “Além do potencial biográfico e histórico, Minhas queridas cumpre o papel de preservação da memória literária brasileira através das correspondências, tão valorizadas desde o modernismo brasileiro, que tem nos permitido conhecer tantos pormenores da vida literária e dos meandros da criação, basta ler, por exemplo, as cartas de Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira” (apud LISPECTOR, 2007, p. 10).

Pode-se dizer que chega a ser um consenso, considerando a vasta correspondência mantida entre vários escritores brasileiros, mais a atenção especial que a crítica vem dando ao gênero epistolar, que uma história, senão do país, nem da cultura, pelo menos da literatura brasileira suplementa a recepção feita dessa mesma literatura. Ou seja, as cartas trocadas, bem como as amizades que perduram e se desfazem por meio delas, os conselhos, os leitores mútuos, a distância existente entre os missivistas, propõem uma outra recepção de leitura pública que no mínimo altera substancialmente aquela angariada pelo leitor da sociedade comum. Aliás, por falar em distância, as cartas são a melhor prova de uma verdadeira amizade, porque elas trazem inscritas em seu corpo a necessidade da boa-distância. Sem esta, pode-se dizer, inclusive, que não há amizade democrática, porque não há verdade democrática. A esta, muitos preferiram chamar de fidelidade, ou de fraternidade. Ressalvados os problemas de sinonímia que podia haver, mal sabiam eles que a amizade firmada aí era uma *pseudo-amizade*. No campo da amizade, às vezes as conversas ocupam o mesmo papel das correspondências não trocadas. Não é por acaso que ambas são formas de diálogo.

Apesar de terem sido dois grandes missivistas, a amizade entre Drummond e Clarice foi mantida na pauta da conversa. Fica por conta desta, aliás, não só o papel de justificar a falta como também de exercer o lugar das cartas não trocadas entre ambos. Até onde se sabe Clarice não escreveu nenhuma carta a Drummond. Já este, por sua vez, enviou a ela duas cartas-poemas e mais uma carta-comentário minúscula, todas saudando a amiga pela publicação de mais um livro. Tem ainda o poema “Visão de Clarice”, feito pelo poeta por ocasião da morte da amiga, como mais adiante se verá. Enfim, como se vê, a correspondência escrita existente entre eles é escassa, apesar de não menos importante. Mas importante mesmo é poder imaginar o hiato silencioso que se instaurava entre a conversa interminável dos dois: *Clarice, com certeza, ligava mais ao amigo, a qualquer hora do dia ou da noite, como era de seu costume, aliás, apesar de dizer que não, para pedir um “conselho”, contar uma “novidade”, ouvir a voz do amigo, enquanto este a ouvia e procurava ajudá-la com seu silêncio demasiadamente humano*. É no mínimo curioso imaginar a vida-em-conversa entre “um legítimo taciturno”, nas palavras de Silviano Santiago, e Clarice, que sempre fez questão de preservar uma vida mitificada pela solidão. Valendo-se de um diálogo privado que só chegaria a ser público por conta do imaginário crítico, Drummond e Clarice exercitaram uma conversa que, mesmo passados anos, pode ser reelaborada pela crítica.

O *valor* da conversa do dia-a-dia entre ambos os intelectuais acaba suplementando uma estética do cotidiano que deve ser revalorizada pela política da crítica biográfica. Ainda no tocante ao “puxar conversa”¹ entre Drummond e Clarice, é curioso observar que, mesmo sendo o poeta um homem *taciturno* e a escritora uma mulher *tímida e ousada* ao mesmo tempo, ambos, mesmo não sendo falantes “pelos cotovelos” como era Mário de Andrade, valem-se (talvez mais ainda Clarice Lispector) de uma coragem desconhecida e um convoca o outro para uma conversa intelectual que acabou enriquecendo sobremaneira não só a obra um do outro, por conta da presença espectral amigável de ambos, mas o próprio diálogo entre as produções literárias brasileiras. Por conta da amizade, podemos dizer, inclusive, que às vezes produções artísticas até diferentes entre elas aproximam-se, não que esse fosse o caso da poesia drummondiana e da literatura clariciana.

Como entendemos que o valor da conversa corrobora o valor de uma possível estética do cotidiano que necessariamente não partilha de uma estética racionalizante, podemos afirmar que a conversa “imaginada” entre os amigos, por ser sempre uma palavra amorosa de amigos, mesmo e principalmente no plano ou na hora da discórdia, põe a leitura crítica em movimentação no sentido de estabelecer laços afetivos entre as obras públicas deixadas pelos dois intelectuais. Amizades, delicadeza, polidez, admiração, lembranças, afetos, diferenças, saudades, respeito, solidariedade, transferência, desenham o mapa histórico e estético de uma política da amizade em seu cotidiano. É nesse sentido que entendemos a afirmação de S. Santiago: “o cotidiano é uma peça feita de encontros onde o coração estrala e a palavra amorosa puxa a palavra amorosa, aperfeiçoando raciocínio e conhecimento” (SANTIAGO, 2006, p. 102).

Manter a conversa em ponto de silêncio pela vida afora como fizeram Drummond e Clarice se, por um lado, atesta a condição de falantes calados, *gauches* dos dois, por outro, situa o papel ou lugar dos mesmos enquanto intelectuais, posto que mostra que ambos mantêm entre pares a conversa “chamada vida literária de um país”², mesmo quando compete ao intelectual (escritor) *falar o menos possível*, conforme respondera Clarice Lispector em Entrevista de 1977.

A amizade entre Drummond e Clarice foi duradoura e mutua na admiração. É sabido, inclusive, que Clarice ligava para o amigo a qualquer hora do dia ou da noite, que estava sempre à disposição para ouvir a amiga mesmo quando o assunto da conversa fosse cotidiano e banal³. Aliás, registra-se,

¹ A expressão “puxar conversa” é, segundo Silviano, do próprio Mário de Andrade, da qual Silviano se vale, inclusive, para dar título ao seu belo livro *Ora(direis) puxar conversa!*

² “Para Mário, a vida, ou, de maneira mais restrita, a chamada vida literária de um país, era uma conversa interminável” (SANTIAGO, 2006, p. 97).

³ “Pois não agüento mais a solidão neste mundo de Carlos Drummond de Andrade. Viva muito tempo, Drummond, para que eu possa lhe telefonar como faço uma vez ou outra, sempre com o objetivo certo, senão não teria a coragem de inter-

desde já, que falta uma página de crítica biográfica sobre tal amizade. Clarice foi também uma leitora amiga assídua e dedicada de toda a obra de Drummond, por toda a vida. Em carta a outro grande amigo e também mineiro, Fernando Sabino, de 22 de fevereiro de 1953 de Washington, comenta: “estive a um tempo lendo *Claro enigma*, e fico doente de tanta admiração, é excessivamente ótimo”⁴. Como já dissemos, a admiração do amigo poeta pela obra da amiga era recíproca. Prova disso é a carta-poema com a qual ele saúda a publicação do livro de contos *Onde estivestes de noite*. Como se lê no poema abaixo, Drummond, com sua leitura cuidadosa de amigo e de grande poeta, capta o “mistério” que a letra da literatura dela alcança e o traduz por meio de sua expressão⁵. Drummond acompanhava de perto a produção intelectual da amiga. Depois de um ano da carta-poema enviada (1974), Drummond volta a enviar outra carta de poucas linhas, dessa vez saudando-a pela publicação de mais dois livros (1975): “ler ou reler você é sempre uma operação feliz: descobrem-se coisas, aprimora-se o conhecimento das descobertas. Senti isto percorrendo *De corpo inteiro* e *Visão do esplendor*”⁶. (Quase dois anos depois da carta, em 1977, Drummond publica o poema “Visão de Clarice” às vésperas da morte da amiga, cujo título aludiria ao título de um dos livros lidos por ele. Também não por acaso,

romper você no seu trabalho”. (LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 124).

⁴ Apud SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 94.

⁵ Rio, 5 de maio de 1974.

Querida Clarice:

Que impressão me deixou o seu livro!

Tentei exprimi-la nestas palavras:

- Onde estivestes de noite
que de manhã regressais
com o ultra-mundo nas veias,
entre flores abissais?

- Estivemos no mais longe
que a letra pode alcançar:
lendo o livro de Clarice,
mistério e chave do ar.

Obrigado, amiga! O mais carinhoso abraço de admiração do

Carlos

⁶ Apud MONTERO (Org.). *Correspondências: Clarice Lispector*, p. 309.

a carta-poema antes enviada (1974) traz em seu último verso a questão do mistério (“mistério e chave do ar”) que não por acaso vai abrir o poema homenagem pós-morte da escritora (“Veio de um mistério, partiu para outro”).

Como se vê, com certeza Drummond leu a crônica “Vergonha de mim” de *Visão do esplendor*. Não bastasse o título da crônica ser tão drummondiano, Clarice faz menção direta ao poeta logo no primeiro parágrafo. Cita de memória o famoso verso “Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.”, do livro de estréia do poeta *Alguma poesia* (1930), o que só reforça o que já se disse de que Clarice sempre fora uma leitora *fiel* do amigo. Diz não saber estar citando o referido verso de forma certa, e justifica-se estar “escrevendo de cor”. *Escrever de cor* é de uma *delicadeza* de leitora amiga que não tem medo de correr o risco da falha de memória desde que faça uma homenagem ao amigo lembrado. Pelo contrário, escrever de memória é um gesto que torna pública a confirmação de amizade entre Clarice e Drummond, além de externalizar a admiração pela poesia do poeta. Esboça-se aí, inclusive, um ato de infidelidade, quando se constata que a amiga assina como seu o famoso verso. Ou seja, a amizade permite a troca autoral, como se assim Clarice justificasse o “esquecimento”. Não se tratasse da escritora em questão, o ato de “escrever de cor” não teria problema. Como se trata de Clarice, fica a desconfiança de tal esquecimento, uma vez que a escritora se vale de uma prática de apropriação que beira o “esquecimento” elaborado. Com o amigo, não foge à regra. Ou melhor, não foge de sua prática de denegação, ou seja, de uma anamnese fingida. Aliás, nesse sentido, entendemos que a escritora é implacável, posto que tira proveito descarado do amigo, como faz, por exemplo, na hora da construção de suas crônicas. Redobra-se em importância quando percebemos que a referida prática de criação, ou estratégia, vale para a construção da mais alta produção ficcional da autora. Aliás, e é bom que se diga, tal estratégia alicerça a forma por meio da qual estrutura-se todo o projeto intelectual clariciano. Leva a prática à exaustão natural de sua produção que mesmo quando exerce o trabalho de tradutora vale-se da mesma estratégia de apropriação em benefício próprio. Metaforicamente, ao falar de si (da vergonha de viver), fala do amigo, ou seja, de “pessoas que têm vergonha de viver”, que são os tímidos solitários entre os quais ela se inclui. Contraditoriamente, busca a solidão, ao mesmo tempo em que “quer o quente aconchego das pessoas”. *Vai, Carlos/[Clarice], vai ser gauche na vida*, pouco importando se está citando o amigo de modo certo, porque o que importa mesmo é a lembrança dele que de alguma forma vem em socorro da amiga na solidão. É curioso observar que o tema da solidão reaparece na crônica “Adeus, vou-me embora!”, aqui antes já mencionada, ao Clarice tratar das cartas que seus leitores lhe enviavam, e mais uma vez o amigo poeta entre em cena: “pois não agüento mais

a solidão neste mundo de Carlos Drummond de Andrade”⁷. Neste mundo, “Mundo mundo vasto mundo”, que mesmo tendo ela um vasto coração busca a solidão, feito *o poeta atrás do bigode*, que “Quase não conversa”. Ambos parecem ter *poucos, raros amigos*, mas entre eles, por sua vez, puxaram uma conversa interminável. Assim, entre as mil faces que os singularizaram como intelectuais, erigiram um modo de olhar o vasto mundo que às vezes os deixavam “comovido como o diabo” para a criação poética. Diz na crônica que telefonou para Drummond, “quase chamando-o de Carlinhos, pois é essencial não esquecer que, com sua imensa grandeza, ele é Carlinhos também e sua mãe assim o chamava”⁸. Clarice se sente a *mãe do mundo*, a mãe do amigo/filho Carlinhos, tomada que está pelo amor de amizade que as cartas de seus não tão cúmplices leitores exalam.

Drummond volta a escrever para Clarice Lispector o poema intitulado “Visão de Clarice”, dessa vez por ocasião da morte da amiga em dezembro de 1977, conforme já dissemos antes entre parênteses. Clarice faleceu dia 9 de dezembro, às vésperas de seu aniversário, e o poema fora publicado no dia seguinte (10/12/77), no *Jornal do Brasil*, talvez como forma de homenagear, em conjunto, o nascimento e a morte, a despedida de uma amiga tão querida que “veio de um mistério, partiu para outro”⁹.

⁷ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 124.

⁸ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 125.

⁹ *Visão de Clarice*

Clarice

Veio de um mistério, partiu para outro.

Ficamos sem saber a essência do mistério.

Ou o mistério não era essencial. Essencial

Era Clarice viajando nele.

Era Clarice bulindo no fundo mais fundo,

onde a palavra parece encontrar

sua razão de ser, e retratar o homem.

O que Clarice disse, o que Clarice

viveu para nós

em forma de história

em forma de sonho de história

em forma de sonho de sonho de história

(no meio havia uma barata ou um anjo?)

não sabemos repetir nem inventar.

São coisas, são jóias particulares de Clarice,

Em sua “Visão de Clarice”, Drummond endossa o lado espectral misterioso da escritora, consoante, aliás, ao que a crítica sempre fez questão de destacar. A diferença aí, de meu ponto de vista, é que a visão poética trata-se de um amigo que a conheceu de perto. O lastro da amizade, da admiração, entre ambos, sobressai-se no poema quando o poeta, para homenagear a amiga, também *puxa* palavras que relembram um perfil da possível *visão de Drummond*. A visão de Clarice mexendo *no fundo mais fundo*, / “onde a palavra parece encontrar / sua razão de ser, e retratar o homem”, parece mostrar que

que usamos de empréstimos, ela é dona de tudo.

Clarice não foi um lugar-comum,
carteira de identidade, retrato.
De Chirico a pintou? Pois sim.
O mais puro retrato de Clarice
só se pode encontrá-lo atrás da nuvem
que o avião cortou, não se percebe mais.

De Clarice guardamos gestos. Gestos,
tentativas de Clarice sair de Clarice
para ser igual a nós todos
em cortesia, cuidados materiais.
Clarice não saiu, mesmo sorrindo.
Dentro dela
o que havia de salões, de escadarias,
de tetos fosforescentes e longas estepes
e zimbórios e pontes do Recife em bruma envoltas
formava um país, o país onde Clarice
vivia, só e ardente, construindo fábulas.

Não podíamos reter Clarice em nosso chão
salpicado de compromissos. Os papéis,
os cumprimentos falavam em agora
em edições, possíveis coquetéis
à beira do abismo.
Levitando acima do abismo Clarice riscava
um sulco rubro e cinza no ar e fascinava-nos.

Fascinava-nos, apenas.
Deixamos para compreendê-la mais tarde.
Mais tarde, um dia ... saberemos amar Clarice.

a amiga seguiu à risca o conselho do amigo-poeta, ou seja, soube, mais do que admirá-lo, entendê-lo

muito bem por meio da leitura que fez de sua obra. Tão bem, aliás, que Drummond se transconhece no retrato esgarçado e transferencial: “palavra, palavra / (digo exasperado), / se me desafia / aceito o combate” (DRUMMOND, 2003, p. 110).

Talvez Clarice tenha se valido de tanta “cortesia, cuidados materiais” para retratar o outro, o amigo, porque tivesse percebido desde cedo que “o mais puro retrato de Clarice / só se pode encontrá-lo atrás da nuvem”. Podemos ver, sem grandes dificuldades, que o amigo, ao relembrar os *gestos* guardados da amiga que trazia consigo, mais a dor da perda, desvenda para o leitor de seu poema-homenagem-despedida o *país* biográfico que a escritora trazia dentro dela, “o país onde Clarice vivia / só e ardente, construindo fábulas”. Na esteira da visão de Drummond, podemos dizer que Clarice nunca saiu desse país só seu, “Clarice não saiu, mesmo sorrindo”, por mais que tenha feito um esforço sobre-humano. Melhor: ela trouxe todo seu vasto mundo variegado para compor tanto sua ficção quanto sua vida, ou pelo menos o pouco do que sabemos delas. Drummond ajuda-nos nessa compreensão.

Drummond, ao tomar emprestado gestos e palavras de Clarice para falar dela, também apropriou-se de si mesmo, como neste verso tímido: “(no meio havia uma barata ou um anjo?)”. No meio do caminho da vida de Clarice houve uma barata e houve um anjo, e ela provou dos dois, sem reservas. Não por acaso fora um anjo torto que outrora, no começo de tudo, vaticinara a sina do jovem poeta: “Vai, Carlos! ser *gauche* na vida”. Ao fazer alusão ao seu verso biográfico, Drummond pode estar querendo dizer à amiga que ela cumpriu sua trajetória única, seu caminho perigoso, sem ter que fazer concessões nem ter que se desviar das pedras e das palavras duras que fora encontrando. Ressalvadas as nem tão grandes diferenças entre eles, o mesmo vale para Drummond. Agora o que ninguém podia prever em 1977, talvez porque ninguém tivesse a visão de Drummond, é que dali a dez anos (1987) o poeta desse o seu adeus. No que pese a comparação, podemos dizer que Drummond teve a sua própria visão antecipada. Às vezes as amizades tecem *nosso* destino do qual só saberemos depois. Voltemos uma última vez ao poema de Drummond, só que agora no final: os amigos Drummond e Clarice *fascinam-nos, apenas*. Só que com uma diferença: o *mais tarde* do poema já chegou, restando-nos *compreendê-los e amá-los*, como outrora eles souberam se amar em *silêncio e mistério* na amizade.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *José e outros*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Discurso de primavera e algumas sombras*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LISPECTOR, Clarice. *Minhas queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Organização de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

NOLASCO, Edgar C  zar. *A delicadeza da vida em Clarice Lispector*. (Texto inédito).

SANTIAGO, Silviano. *Ora (direis) puxar conversa!* Belo Horizonte; Editora UFMG, 2006.

Recebido em 18 de junho de 2008
Aprovado em 22 de agosto de 2008

